





Ateliê Editorial

Editor

Plínio Martins Filho

Conselho Editorial

Beatriz Mugayar Kühl

Gustavo Piqueira

João Angelo Oliva Neto

José de Paula Ramos Jr.

Leopoldo Bernucci

Lincoln Secco

Luís Bueno

Luiz Tatit

Marcelino Freire

Marco Lucchesi

Marcus Vinicius Mazzari

Marisa Midori Deaecto

Paulo Franchetti

Solange Fiúza

Vagner Camilo

Wander Melo Miranda



UNICAMP

Reitor

Antonio José de Almeida

Meirelles

**Coordenadora Geral
da Universidade**

Maria Luiza Moretti



Conselho Editorial

Presidente

Edwiges Maria Morato

Alexandre da Silva Simões

Carlos Raul Etulain

Cicero Romão Resende de Araujo

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Iara Beleli

Iara Lis Schiavinatto

Marco Aurélio Cremasco

Pedro Cunha de Holanda

Sávio Machado Cavalcante

ROBARS
HOCOU
D

O filósofo da malta
(textos modernistas)



Maria Eugenia Boaventura (org.)

Copyright © 2022
Direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial
sem autorização, por escrito, das editoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Couto de, 1896-1966
O Filósofo da Malta (Textos Modernistas) / Couto de Barros;
Maria Eugenia Boaventura (org.). – Cotia, SP: Ateliê Editorial,
Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

ISBN 978-65-5580-072-2 (Ateliê Editorial)
978-85-268-1530-8 (Editora da Unicamp)

1. Barros, Antônio Carlos Couto de, 1896-1966 2. Literatura
brasileira – História e crítica 3. Modernismo (Arte) 4. Semana
da Arte Moderna (1922 – São Paulo, SP) – História I. Boaventura,
Maria Eugenia. II. Título.

22-110031

CDD-B869.909004

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Modernismo: Século 20: Literatura brasileira:
História e crítica B869.909004
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Direitos reservados a

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 | Granja Viana | Cotia | SP
Tel.: (11) 4702-5915
www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br
facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br
instagram.com/atelie_editorial

EDITORA DA UNICAMP
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421
3º andar | Campus Unicamp
13083-859 | Campinas | SP | Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

2022
Printed in Brazil | Foi feito o depósito legal

1

No Calor da Hora p.18

Romântico serôdio

Geometria e colorido

Concepções místicas

Graça Aranha e o humorismo

L'azur lumineux

Poder mágico da forma

Obra regionalista

Contribuição pessoal

Thiollier & Corrêa Jr. & Paulo Duarte

Lição de energia

Trabalho da inteligência

Divagação em torno de Manuel Bandeira

Zijl-Haya

2

**Estética &
Modernismo p.56**

Fogoso domador

Uns pisa-verdes

Omnibus 1

Omnibus 2

Notas sobre o humor

Xadrez

Por que escrevemos?

Vale a pena criticar obras literárias?

O hábito do milagre

Humor britânico

O humor britânico

Concepção renovadora

3

**Terra Roxa
e Outras Terras p.94**

À procura de um leitor

Profetas e profecias

Um desaforo que já dura quatro séculos

Perfeitamente!

Guerras literárias

Padre Anchieta

Riquezas jucapatíferas

O Modernismo na Academia

Gostosura de terra

Vinte metros acima dos homens e das coisas

Outras terras

Nossa terra... outras terras

4

Artes & Artistas p.118

Transição das cores

O escultor Victor Brecheret

Um fato sintomático na Royal Academy de Londres

Outros Livros p.126

Crítica científica

Aparelho registrador

Movendo a fronteira

Roteiro do café

5

**Concepções
e Controvérsias p.142**

O homem e seu sonho

A mentalidade primitiva

Raça

6

**Política &
Imigração p.158**

Partido Democrático

O gigante descora

Seleção imigratória

7

INTRODUÇÃO

Um conjunto de escritores hoje é lembrado, entre outros feitos, por sua atividade sistemática de crítica literária, com colunas regulares em jornais, cobrindo a produção modernista no calor da hora: Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o Tristão de Ataíde, em *O Jornal*, Mário de Andrade (1893-1945) e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), ambos no *Diário de Notícias*, para citar apenas alguns dos principais.

Antônio Carlos Couto de Barros (1896-1966) não tinha uma coluna regular de crítica literária ou de arte. Os textos aqui reunidos representam a sua participação nos diferentes periódicos do Modernismo que dirigiu, ou nas revistas dos amigos de quem recebia insistentes solicitações para colaborar; bem como no jornal do qual foi um dos sócios e diretor, o *Diário Nacional* (1927-1932). Alguns desses trabalhos também resultaram de palestras, quer na Villa Kyrial (1922 e 1923), quer em escolas e em associações culturais. Os seus colegas o chamavam o *filósofo da malta*, expressão que escolhi para nomear este volume.

Organizei este material em seções, por afinidade de tema e assunto, seguindo nesta perspectiva a ordem cronológica. O leitor encontrará uma produção tipicamente modernista e de época, quando os intelectuais se dedicavam aos problemas do momento, na tentativa de tentar entendê-los e adaptá-los ao contexto local. Este conjunto traduz um esforço de reflexão abrangente, sem preocupação normativa e sem muito rigor metodológico. No que diz respeito à arte em geral, é constante a disposição de analisar o aspecto estético, e de tentar explicar a poesia moderna, o trabalho do poeta etc. Apresenta um registro híbrido, ora uma escrita com o andamento cronístico, que às vezes inclui diálogo com o leitor, ora textos com a marca da história cultural. O que os une é o tom bem-humorado e a erudição irreverente.

Couto de Barros examina as manifestações do movimento a que esteve ligado, desde a Semana de 22: da organização de edições, passando pela memória, pelo romance, pela correspondência, até a poesia. Não deixa de examinar obras de caráter sociológico e econômico. A maioria dos textos foi publicada nos principais periódicos da década de 1920 e 1930 (*Klaxon*, *Estética*, *Revista do Brasil*, *Terra Roxa e Outras Terras*, *Verde*, *Ariel*, *O Mundo Ford*, *Revista Nova*, *Geografia*, *Diário Nacional*, *A Gazeta*, *A Manhã*, *O Estado de S. Paulo*), daí a natureza e a extensão de alguns. Primam pela clareza e pela estratégia de informar o público e seduzi-lo para a leitura das obras de uma plêiade de modernistas do porte de Oswald, Mário, Milliet, Alcântara, Cassiano, Bandeira e Graça Aranha. Couto tinha relações de amizade entre os diferentes grupos artísticos, portanto os escritores aqui analisados, quase todos, eram muito próximos, como Sérgio Milliet, colega do Colégio São Bento, com quem trabalhou em vários jornais (*Terra Roxa* e *Diário Nacional*, por exemplo), Alcântara Machado, parceiro na direção do primeiro periódico, Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

Na primeira seção comparecem variados autores, com destaque para a resenha do novo romance de Oswald de Andrade, *Os Condenados*, no mesmo ano do seu lançamento (1922), escrita para *Klaxon*, que era produzida no escritório da dupla Tácito de Almeida e Couto de Barros. Sua análise permanece, está atento à tessitura da obra em particular, ao descrever a composição do livro, aponta as principais inovações trazidas para a literatura da época. Explicita a amplificação do papel do leitor, no sentido de preencher os lapsos de uma história, montada à maneira de um filme, numa linguagem entrecortada. Couto revela como este recurso proporciona ainda a economia de traços na articulação de personagens e de ambientes. Outro achado seu é a constatação de que o romancista apreende o ridículo das situações e se entrega ao cômico da vida.

Uma das particularidades de Couto de Barros é o reconhecimento da importância do leitor no processo de constituição da obra, ponto este considerado uma das panaceias da crítica recente. Sendo assim, justifica-se a tarefa que lhe foi atribuída na articulação e no desvendamento dos episódios do romance de Oswald. Aspecto que também esmiúça em *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* (1927), ao qual atribui a função de reconhecimento. Ou seja, advoga para o leitor a necessidade da experiência objetiva e subjetiva. A análise do livro do amigo, uma obra de escandalosa simplicidade e espontaneidade, é pretexto para desenvolver esta teoria polêmica.

Couto de Barros geralmente faz digressões para armar o seu raciocínio na intenção de aproximar propostas e ideias. Assim procedeu ao resenhar a coletânea, organizada por Graça Aranha e editada por Monteiro Lobato, das cartas trocadas entre Machado e Nabuco. Elege o primoroso ensaio introdutório e concentra-se nos comentários sobre o humor impulsionado por uma frase do organizador:

“O estilo de Machado de Assis salvou sua obra do mal que podia fazer o humor”. A partir desta afirmativa, constrói um pequeno tratado sobre a relação do artista com o humor, sob um olhar desconfiado em relação aos humoristas. No seu entender, o humorismo (“jogo de inteligência que se acompanha de emoção”) seria um dos lados do polígono artístico. O humor estabeleceria o estado temporário de inadaptação à realidade.

O conservadorismo na poesia não fica de fora. Rodrigo Otávio e Corrêa Jr. têm suas obras comentadas. Interessa ao crítico mostrar a permanência das marcas da arte fim de século, a necessidade de rimar, a manipulação de artifícios verbais desgastados, acentuando o seu aspecto de mesmice. Na percepção de Couto de Barros, os moldes expressivos devem trazer uma contribuição nova. Comenta ele, de modo bem-humorado:

No parnasianismo, sobretudo, o sentimento que predominava nos poetas era o da dificuldade vencida, o da vitória sobre as palavras tumultuárias, indisciplinadas e díspares, que eles conseguiam subjugar e relacionar, por meio de uma ginástica adequada, que logo se tornou um segredo facilmente assimilável e bobo. Nos leitores, então, era o sentimento de pasmo, equivalente ao que manifestamos diante de um equilibrista japonês, de arame e trapézio.

Outro foco de sua crítica é procurar sublinhar a capacidade do escritor em depurar o seu trabalho, torná-lo mais denso, por meio da síntese e da concentração, e transformar as miudezas da vida em matéria artística. Isto vale para poetas e prosadores. *O Homem da Galeria*, de autoria de René Thiollier, um dos participantes da Semana de Arte Moderna, peca pelo excesso de “enchimentos” e pela falta de senso de humor. O livro do amigo Paulo Duarte, escondido pelo pseudônimo de Alfeu Caniço, num estilo incisivo, satiriza a mentalidade de grande parte dos estudantes do seu tempo. Mostra a falta de reação às mesquinhas, os gestos de bajulação, os servilismos, as arrogâncias, os orgulhos e vaidades. Segundo Couto, a política que não vai nem vem durante cinco anos de Academia. Não faltam as tiradas bem-humoradas do crítico, que arremata: “melhor corrida de bicicleta do que a política tiro ao alvo desses jovens”.

Sérgio Milliet, embora fosse o escritor mais próximo do crítico entre os modernistas resenhados, teve sua produção daquele momento esmiuçada, com seus acertos e problemas apontados. Dentre eles, Couto insistiu no apego acríptico às modas literárias como a associação de ideias que, rebuscada e artificial, torna o processo criativo fácil e cansativo. Em *Oeil de Boeuf* (1923) e *Poemas Análogos* (1927), sobressaem os cacoetes, embora se encontrem muitos poemas maduros, cuja emoção poética é extraída das coisas miúdas e simples da vida.

O crítico persegue as realizações nas quais o “poder mágico da forma” é de tal forma explorado que produz um valor novo e o poema pode mostrar-se denso, fechado, econômico, ao contrário da prosa. O andamento da sua argumentação é o do contraponto. Por exemplo, a arte moderna (irônica, humorística, desequilibrada, sintética) versus arte conservadora (estagnada, esgotada). Insiste em marcar os pontos-chave para a definição do poeta, da arte, do conceito do belo. E da parte do leitor recomenda a mudança de sensibilidade em relação às “vibrações mais rápidas e sutis da poesia moderna”.

Clã do Jabuti (1927) é outra obra de amigo – Mário de Andrade – avaliada de modo objetivo. Não entende a publicação deste conjunto de poemas sem uma seleção criteriosa, deixando passar muita coisa inconsistente. Apesar da realização irregular, ainda observa a contribuição individual. Isto também aconteceu com *Deixa Estar, Jacaré...* (1931). As falhas do livro de Cassiano Ricardo são apontadas sem escamoteação, como fez em outras resenhas, em que o supérfluo se tornou um dos pecados da poesia: “catalogou, com ilustrações, a matéria-prima poética”. Os artifícios desta arte se exauriram, transformaram-se em trejeitos. Entre eles, arrola o mais comum, o complexo infantil, na acepção empregada por Wyndham Lewis, e o tom familiar das composições, presente nesta obra, considerada um divertimento sem consequência, mero exercício.

O título “Divagação em Torno de Manuel Bandeira” não faz jus à natureza do trabalho, incluído no livro *Homenagem a Manuel Bandeira*. Nele, Couto resume os principais traços da produção do amigo e faz alguns reparos. Para ele, Bandeira descobre a poesia ao surpreender as coisas e os fenômenos na sua pureza, extraindo arte da realidade mais banal. Do ponto de vista da expressão, sua poesia oscila entre o registro espontâneo e o verso à maneira de discurso. O sentimento de morte sem inquietação metafísica e a tortura da impossibilidade de integrar-se na intensidade da vida são destacados pelo crítico. Traços estes que são observados a partir do exame minucioso de toda a produção em livro. Mais uma vez defende a poesia como entidade verbal.

A seção Estética e Modernismo comprova a participação de Couto de Barros nas polêmicas ocorridas no período da Semana de Arte Moderna, com os pseudônimos de Clodomiro Santarém e Galvão Muniz, na coluna Notas de Arte de *A Gazeta*. Mesmo espaço em que se debateram Mário de Andrade e Cândido. Este, para Rubens Borba de Moraes, seria invenção da dupla Tácito e Couto para brincar com o Mário e também acirrar a discussão. Um deles – “Fogoso Domador” – está em forma de carta e Couto se intromete no debate, possivelmente com o objetivo de atizar os ânimos inflamados dos jornalistas que faziam a cobertura do evento. Finge-se de ferrenho adversário da Semana, faz troça do

apostolado futurista do colega e do seu ardoroso fervor a Govoni, Soffici, Marinetti, etc.¹ No outro – “Uns Pisa-Verdes” – paródia linguística do português clássico, cobra dos modernistas a reverência aos “insignes mestres do passado”. Esta contenda entre Mário e Cândido tem um ar de montagem do grupo da Semana, ansioso por provocar celeuma, numa estratégia de marketing que lembra o futurista Marinetti. Entre os historiadores literários, a identidade do discreto Cândido ainda hoje permanece controversa².

O restante dos artigos busca definições adequadas às questões que exigem novas atitudes do leitor em relação à obra de arte, em consonância com a época, tais como: a natureza da arte moderna (“Omnibus”), o papel do artista contemporâneo, a razão do ofício (“Por Que Escrevemos?”), o humor e a função da crítica. Nesse aspecto, o texto “Vale a Pena Criticar Obras Literárias?” abre o conjunto Literatura da segunda fase da prestigiosa *Revista do Brasil*. Seção esta que esteve a cargo de outro amigo, o escritor Prudente de Moraes, neto. É uma espécie de prefácio, pois anuncia o que se espera dos textos ali comentados. O colaborador deveria ter cultura, experiência, sensibilidade e, sobretudo, revelar a obra ao leitor, à maneira de uma aventura do espírito.

O texto “Notas sobre o Humor”, publicado na *Klaxon*, é retomado e ampliado décadas depois numa conferência. O crítico insiste em separar duas tendências opostas de encarar o assunto: a expressão de um estado transitório do espírito e a concepção humorística do universo. Dentro desta perspectiva opõe dois romancistas de língua portuguesa – Camilo e Machado. E sintetiza os meios formais do artista para impulsionar o riso. Alguns pré-requisitos são importantes para este último autor, que admite simpatia pelo objeto, análise, autocontrole e economia da emoção. O cinema não ficou de fora, destacamos a resenha de *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Weine, que o encanta pela concepção renovadora, pela deformação dos personagens e organização cubista do cenário.

Apresentei em seção separada a produção realizada à frente do periódico *Terra Roxa e Outras Terras* (1926), assinada pelo escritor, ou por pseudônimo, ou ainda aqueles de responsabilidade da dupla de dirigentes Couto de Barros e Alcântara Machado. A inclusão destes textos sintetiza as peculiaridades da publicação, muito diferente daquela fundadora do movimento, a *Klaxon*. Vamos perceber nesta, a começar pelo título, a urgência em estabelecer os postulados

- 1 Encontramos no arquivo do escritor um datiloscrito deste artigo assinado por Fogoso Domador e logo abaixo por ACCB (Antônio Carlos Couto de Barros).
- 2 Aracy Amaral, que entrevistou o escritor Cândido Mota Filho, atribuiu-lhe a autoria daquele conjunto de artigos. Mário da Silva Brito acredita que seu verdadeiro autor seja Galeão Coutinho, redator-chefe de *A Gazeta*. Rubens Borba de Moraes declara que os textos foram pura artimanha de Couto de Barros e Tácito de Almeida.

estéticos das obras do Modernismo que estavam em processo de criação. O roteiro da arte deveria confluir com o seu tempo, portanto, seus modelos seriam os ícones do presente: o cartaz e o cinema. Em 1926, o momento cultural era outro. A tática foi “apressar a nacionalização do movimento de modernização artística”, à maneira dos bandeirantes, conforme proclamam os seus líderes. O “Manifesto Pau-Brasil” (1924), *Miramar* (1924) e *Pau-Brasil* já haviam sido publicados, era natural agora introduzir uma leitura mais serena do passado. A campanha para compra do manuscrito de Anchieta pela elite econômica de São Paulo funcionaria como símbolo e marcaria o retorno à nova baliza: os séculos XVI e XVII. Lembro a reprodução de trechos de cronistas e historiadores e as “Manifestações Espontâneas de Pau-Brasil” – comentários lavrados num registro pitoresco e ingênuo, transcritos de outros jornais, a exemplo da seção Brasileira da *Revista de Antropofagia* (1928).

As revistas modernistas, de modo geral, pretendiam ser divertidas. Acontece que a *Terra Roxa* ignora a arte passadista (enquanto a *Klaxon* tinha nela um inimigo declarado) e a vontade de se impor diante do prestígio da arte oficial: a revista estava atrás de um leitor que pudesse se instruir, se divertir e fazer bonito. Consideravam a empreitada à altura da coragem dos bandeirantes. O repasto deste ágape espiritual seria variado. O tédio não teria vez nesta aventura intelectual, emoldurada numa linguagem coloquial, bem-humorada, direta, um verdadeiro “idioma ítalo-pau-Brasil”. A repercussão da nova “empresa” (cujos verdadeiros comandantes financeiros eram Paulo Prado, René Torres e Gofredo Teles, e os seus diretores Alcântara Machado e Couto de Barros) foi nacional.

Os grupos dissidentes a esta altura estavam definidos, principalmente aquele que formaria o verde-amarelismo, sendo assim os embates eram previsíveis. O editorial do número 4, muito provavelmente de autoria de Couto de Barros, conforme manuscrito que sobreviveu no seu arquivo, se posicionaria favorável às contendas, pois “as guerras literárias têm a vantagem de possibilitar um balanço dos valores do intelecto, dando liberdade e ocupação a certas forças ou tendências que um prolongado recalçamento tornaria um perigo para a saúde do espírito”. A reação à visita de Marinetti a São Paulo insere-se nesta perspectiva: indiferença a um líder que não oferecia qualquer atrativo novo.

Na seção Artes & Artistas, três textos estampados em diferentes periódicos da época representam a faceta do crítico de arte ou de retratista de personalidades polêmicas. Dois deles tratam de obras de amigos: Lasar Segall e Brecheret. Do primeiro faz uma apreciação da atividade de decorador sintetizada no salão-ícone do Modernismo, o da residência de Olívia Penteado, onde ela recebia regularmente seus amigos artistas. No artigo bem conciso “Transição das Cores”, Couto explica para os leitores da *Idéia Ilustrada* a diferença entre o trabalho do decorador e

o do pintor. Lembra a capacidade do artista de perceber a natureza de cada um dos seus ofícios e manter uma independência entre as duas atividades. Um pintor obcecado pela representação do “desassossego humano” consegue realizar um trabalho adequado ao ambiente – decorações tranquilas, geométricas, de cores vivas e alegres. Neste artigo e no que se segue pode-se perceber o seu método, como aconteceu na primeira parte do livro: explicar o processo composicional do artista e sua capacidade inventiva, sobretudo no que diz respeito ao domínio da linguagem. Após a primeira exposição de Brecheret em São Paulo, em 1926, Couto comenta a mudança na obra do escultor, em decorrência do longo período de pesquisa e trabalhos em Paris, onde visitou o seu ateliê. Dois momentos distintos são descritos: o primeiro marcado pela “retórica do esforço muscular”, cuja maquete do *Monumento às Bandeiras* parecia ser o melhor exemplo. O outro, ou seja, as obras da exposição, representaria a fase da “serena religiosidade”, misturada à volúpia das formas cheias, resultado do processo de revitalização da sua produção, depois da temporada no exterior. Didaticamente, faz um contraponto com a obra de dois grandes contemporâneos estrangeiros, Lipchitz e Brancusi, ponderando que Brecheret, apesar de ter amadurecido, não atingiu o despojamento da abstração desses dois grandes nomes. Outro texto deste conjunto desvia os olhos para a exposição anual da Royal Academy de Londres, que sinalizou uma mudança de rumos, com repercussão no Brasil: volta ao passado e à disciplina no que diz respeito à execução material das obras; atenção à expressão estética do conjunto apresentado, de tendência moderada, afastando-se das teorias radicais das vanguardas italiana e francesa.

Os modernistas não se limitaram a refletir sobre arte. A atividade intelectual da maioria deles era empenhada em pensar e servir ao país. E as seções Livros & Livrinhos e Política & Imigração indicam que Couto de Barros não fugiu à regra. Foi um dos fundadores e professor de História Econômica da Escola Livre de Sociologia e Política, tendo trabalhado com Roberto Simonsen. Quatro textos compõem esta primeira parte formada de resenhas de livros sobre a história socioeconômica do país. “Crítica Científica” elogia a objetividade das análises de *Seixos Rolados*, de Roquete Pinto (1927), e concorda com a ideia de que os contingentes de imigrantes heterogêneos, segregados, podem trazer antagonismos. Prega a mistura, defende a imigração de grupos culturalmente próximos e permeáveis à distribuição pelo país. A questão da imigração, no seu entender, deve ser encarada como um sentimento de nacionalidade. “Aparelho Registrador” destaca a clareza, a precisão do *Diário da Navegação* de Martim Afonso (1927), editado por iniciativa de outro modernista, Paulo Prado. O relato de Pero Lopes de Sousa marca o caminho novo na política portuguesa para o país: verificar a existência de ouro e assegurar a posse da terra. Entusiasmado

com a qualidade das informações do texto, Couto de Barros sugere a produção de uma antologia de textos de cronistas e viajantes estrangeiros sobre o Brasil, para alunos em idade escolar. J. F. Normano, em *Brazil: A Study of Economic Types*, trata da questão da mobilidade, desta vez do ponto de vista da expansão territorial e econômica internas. Couto considera a análise da vida do mundo rural paulista realizada por Normano fraca e superficial, e propõe uma explicação específica para a perda da supremacia na produção e venda de algum ou outro produto: introdução de novas técnicas, transportes, proteção tarifária, convênios protecionistas, precariedade do consumo interno. Lembra que no país a política conduz a economia e não o contrário. O conceito de sertão, para o resenhista, deve ser substituído pelo de isolamento. Insiste ser a solução o investimento econômico no café, que em 1936 ainda era a principal exportação do Brasil, e São Paulo seu maior produtor e consumidor. *Roteiro do Café*, do amigo Sérgio Milliet, faz parte da coleção Estudos Paulistas, também mais uma iniciativa dos modernistas, patrocinada pela Prefeitura de São Paulo. De 1935 a 1938, Sérgio foi chefe da Divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento. Couto, autor do prefácio, elogia a pesquisa estatística e a correlação entre a expansão da cultura cafeeira e a densidade demográfica.

Concepções & Controvérsias (título idêntico à seção do *Diário Nacional* mantida pelo escritor) e Política & Imigração reúnem textos voltados para o debate do momento tanto aqui quanto lá fora. Temas gerais como o conceito de ciência, a representação do tempo e espaço, ciência e magia, o universo mental do homem primitivo, o critério racial como traço de cultura etc. Quase todos estes artigos foram publicados num jornal de grande circulação no país. Espanta a atualidade das discussões, dialogando com as correntes modernas do pensamento no campo da antropologia, da etnologia e da psicologia a propósito do primitivo, assunto que entraria em pauta na literatura modernista no ano seguinte com o “Manifesto Antropófago” e *Macunaíma* (1928). Desmonta os velhos clichês em torno da superioridade das raças, e da pressa preconceituosa dos estudos que não enxergam a riqueza dos ritos, cerimônias e crenças das diferentes tribos primitivas, mostrando a urgência de pesquisas sobre a psicologia de cada agrupamento em particular.

Em Política & Imigração coletei trabalhos de natureza política com um diagnóstico duro da situação do país, visto pela elite que tinha consciência do seu papel: contribuir para mudar a situação de atraso decorrente, sobretudo, da ineficiência da educação, como aponta o discurso de inauguração da sede do Partido Democrático (1926). A fala de Couto de Barros resume os pontos principais da nova proposta: sanear a vida política nacional e incentivar o exercício da cidadania pelo direito ao voto secreto, inclusive extensivo às mulheres. Outra pendência

urgente seria a reestruturação do processo imigratório, daí os textos – “O Gigante Descora” e “Seleção Imigratória” – sobre o problema racial e a falta de planejamento com críticas ao descaso governamental. Situação explicada pela constituição particular da sociedade brasileira, segundo Couto: elite intelectual pequena, classe média reduzida, massa ignara formada por pobres e analfabetos, inclusive os imigrantes, sem vocação para o trabalho no campo.

* Esta pesquisa contou inicialmente com o suporte do CNPq (Bolsa de Produtividade e Bolsa Auxiliar Técnico) e do SAE-Unicamp (Bolsa de trabalho). No estabelecimento dos textos apenas foi feita a atualização ortográfica e as citações correspondem às respectivas edições em livro.



NO CALOR
DA HORA

romântico serôdio¹

O autor reuniu em volume poesias escritas² em diferentes épocas e a que o tom geral de melancolia dá uma determinada ligação. Subjetivamente, o desconsolo do autor é mais de ordem sentimental que intelectual. Objetivamente, o que o impressiona é a sombra das árvores, as águas e as folhas mortas, o crepúsculo, as alamedas noturnas... tudo o que é mais ou menos imóvel. O dinamismo da vida, essa cinematografia vertiginosa de movimentos multiformes, não lhe causa o mínimo abalo. O autor foge ariscamente da trepidação moderna, mas sem aquele ruidoso susto dos patos que uma Hudson surpreende na estrada de rodagem. Mas se Rodrigo Otávio Filho caminha sobre planos estáticos, isentos de tremores, nem por isso seus versos são equilibrados.

A necessidade imperativa de rimar atua nos seus versos de tal forma, que produz verdadeiros desastres. Há sempre um “sonho infindo”, um “olhar dolente” (o “dolente” é a sua obsessão), uma “visão êxul” e outras expressões ácidas, perfeitamente corrosivas da emoção.

O autor é um romântico serôdio que tomou do Simbolismo as suas expressões mais características. Entretanto, se se fizer a destilação intelectual, aparecerá subitamente caudal romântica.

Há coisas, no livro, de principiante inexperiente:

Evoco às vezes a vida,
que ainda me falta viver:

¹ Título atribuído pela organizadora. Publicado originalmente em *Klaxon*, n. 1, pp. 13-14, 1922 (Livros).

² Rodrigo Otávio Filho, *Alameda Noturna*, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1922.

Talvez seja uma subida...
Seja, talvez, a descer...

Francamente, nem em folhinha!

geometria e colorido³

Acontece com *Os Condenados*⁴ o inverso do que acontece com as pinturas impressionistas. Nestas é necessária a distância, para ver claro e bem, para se poder compreender a sua geometria e o seu colorido, que diretamente estão relacionados com o espaço entre espectador e objeto contemplado. Ao contrário, no livro de Oswald de Andrade prescinde-se perfeitamente do espaço; é preciso olhar de perto, muito de perto. O principal no romance, não tem importância: o enredo. O que importa, então? Os detalhes. Aí é que Oswald se revela prodigioso. Seu gesto de milagre faz surgir, como nos contos de fadas, castelos, luzes, apoteoses, através dos quais passam os seus personagens de *caotchouc*, impermeáveis à alegria de viver, inchados de miséria e de fatalidade. Com espantosa economia de traços, Oswald arma um ambiente, articula seres, derrama vida vermelha sobre a realidade clorótica, de gelatina...

O livro inaugura, em nosso meio, técnica absolutamente nova, imprevista, cinematográfica. Ao leitor é deixado adivinhar o que o romancista não diz, ou não devia dizer.

O romance conta a tragédia de seres ativos, que querem agir, precisam agir, mas que estão presos, não por correntes, mas por elásticos, força centrífuga que os faz desequilibrados, dando-nos a sensação física de um esforço sempre contrariado. E os elásticos, às vezes, pela propriedade que os caracteriza, os empurram além do limite que aqueles seres desejariam atingir. Daí o suicídio do telegrafista. Daí, a mórbida paixão de Alma.

Oswald também sabe vibrar a nota humorística. Ela caça o ridículo das situações, no momento em que a rede das atitudes vai se desfazer. Assim, mais propriamente, pode-se dizer que Oswald não caça o cômico da vida: o cômico da vida é que se entrega a Oswald, no momento em que pode escapar, sem que ninguém perceba...

O animatógrafo de *Os Condenados* não apresenta a tragédia de seres reflexivos, preocupados com problemas metafísicos mais ou menos insolúveis. Os sonhos, as ânsias dos condenados são humildes, instintivos. A alma desses seres é uma planície irremediavelmente verde, onde os maiores acidentes são montinhos de

³ Título atribuído pela organizadora. Publicado originalmente em *Klaxon*, n. 6, pp. 13-14, 1922 (Livros & Revistas).

⁴ Oswald de Andrade, *Os Condenados*, São Paulo, Monteiro Lobato, 1922.